INFINITUM
ISSN: 2595-9549
Vol. 8, n. 17, 2025, 1 - 22
DOI: https://doi.org/10.18764/2595-9549v8n17e26369

A condição da mulher à luz do inconsciente coletivo de Jung em dois poemas de Luiza Amélia de Queiroz

Arissandra Andréia dos Santos
Instituição: Universidade Estadual do Maranhão
E-mail: arissandrasantos95@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3851-0271

Josenildo Campos Brussio
Instituição: Universidade Federal do Maranhão
E-mail: josenildo.brussio@ufma.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7721-9199

José Ailson Lemos de Souza
Instituição: Universidade Estadual do Maranhão
E-mail: ailsonlsj@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8923-9258

Resumo: O presente estudo objetiva realizar uma (re)leitura psicanalítica à luz do inconsciente coletivo de Jung em dois poemas da poeta piauiense oitocentista, Luiza Amélia de Queiroz. Sendo assim em consonância com o posicionamento assumido pelo eu-lírico nos poemas "Lira dormente" e "Conselhos" buscamos analisar os traços da sua personalidade e as imagens arquetípicas, mediante a perspectiva da mulher que ora se coloca como transgressora ora como submissa. objetivamos identificar a condição feminina à luz dos conceitos psicanalíticos, mediante uma (re)leitura da poesia de Luiza Amélia, em consonância com o posicionamento assumido pelo eu-lírico. Ademais, averiguamos os traços de personalidade, as imagens arquetípicas ao traçarmos um contraponto entre a teoria psicanalítica junguiana e a teoria freudiana, analisando de que forma a autora transpõe para o eu-lírico uma postura reivindicatória em relação aos rígidos pilares morais do modelo patriarcalista. Metodologicamente, essa pesquisa é bibliográfica de cunho qualitativo-interpretativo, com enfoque na análise psicanalítica dos dois poemas supracitados, esses selecionados da obra Flores Incultas (2015). Para embasamento teórico nos respaldamos conforme as concepções de Freud (1900); Jung (2014); Freitas (2012); Bourdieu (2012); Rocha (2015), entre outros. Os resultados dessa pesquisa apontam que as condições socioculturais influenciaram a forma como Queiroz se posicionou em sua poesia, ou seja, ora como transgressora dos costumes tradicionais norteados pelo patriarcado ao reivindicar educação feminina e um espaço de autoria que contemplasse o seu gênero, ora se coloca como a mulher submissa e reclusa ao espaço do

lar, com isso pudemos evidenciar as nuances das imagens arquetípicas construída em torno da mulher da sua época.

Palavras-Chave: Condição da mulher; Inconsciente coletivo; Submissão; Transgressão; Imagens arquetípicas.

The Condition of Women in Light of Jung's Collective Unconscious in Two Poems by Luiza Amélia de Queiroz

Abstract: This study aims to carry out a psychoanalytic (re)reading in light of Jung's collective unconscious in two poems by the 19th-century poet from Piauí, Luiza Amélia de Queiroz. Accordingly, based on the position assumed by the lyrical self in the poems "Lira Dormente" and "Conselhos," we seek to analyze aspects of her personality and archetypal images from the perspective of a woman who alternates between transgression and submission. We aim to identify the female condition through psychoanalytic concepts by (re)interpreting the poetry of Luiza Amélia in accordance with the stance adopted by the lyrical self. Furthermore, we investigate personality traits and archetypal images by drawing a comparison between Jungian psychoanalytic theory and Freudian theory, analyzing how the author transposes a reivindicative stance onto the lyrical self in relation to the rigid moral pillars of the patriarchal model. Methodologically, this research is bibliographic in nature, with a qualitative-interpretative approach, focusing on a psychoanalytic analysis of the two aforementioned poems, selected from the work Flores Incultas (2015). For the theoretical foundation, we rely on the concepts of Freud (1900); Jung (2014); Freitas (2012); Bourdieu (2012); Rocha (2015), among others. The results of this research indicate that sociocultural conditions influenced the way Queiroz positioned herself in her poetry — at times as a transgressor of traditional customs shaped by patriarchy, advocating for women's education and a space for authorship that embraced her gender; at other times, as a submissive woman confined to the domestic sphere. Through this, we were able to highlight the nuances of archetypal images constructed around the woman of her time

Keywords: Women's condition; Collective unconscious; Submission; Transgression; Archetypal images.

La condición de la mujer a la luz del inconsciente colectivo de Jung en dos poemas de Luiza Amélia de Queiroz

Resumen: El presente estudio tiene como objetivo realizar una (re)lectura psicoanalítica a la luz del inconsciente colectivo de Jung en dos poemas de la poetisa piauiense del siglo XIX, Luiza Amélia de Queiroz. En consonancia con la postura asumida por el yo lírico en los poemas "Lira dormente" y "Conselhos", buscamos analizar los rasgos de su personalidad y las imágenes arquetípicas, desde la perspectiva de una mujer que, en ocasiones, se presenta como transgresora y, en otras, como sumisa. Nuestro objetivo es identificar la condición femenina a la luz de los conceptos psicoanalíticos, mediante una (re)lectura de la poesía de Luiza Amélia, en consonancia con la postura adoptada por el yo lírico. Además, examinamos los rasgos de personalidad y las imágenes arquetípicas al trazar un contrapunto entre la teoría psicoanalítica junguiana y la freudiana, analizando de qué manera la autora proyecta en

el yo lírico una postura reivindicativa frente a los rígidos pilares morales del modelo patriarcal. Metodológicamente, esta investigación es bibliográfica, de carácter cualitativo-interpretativo, con enfoque en el análisis psicoanalítico de los dos poemas mencionados, seleccionados de la obra Flores Incultas (2015). Para el respaldo teórico, nos apoyamos en las concepciones de Freud (1900), Jung (2014), Freitas (2012), Bourdieu (2012), Rocha (2015), entre otros. Los resultados de esta investigación indican que las condiciones socioculturales influyeron en la forma en que Queiroz se posicionó en su poesía; es decir, en ocasiones como transgresora de las costumbres tradicionales guiadas por el patriarcado, al reivindicar la educación femenina y un espacio de autoría que contemplara su género, y en otras ocasiones, como una mujer sumisa y recluida en el ámbito del hogar. Así, fue posible evidenciar los matices de las imágenes arquetípicas construidas en torno a la mujer de su época.

Palabras clave: Condición de la mujer; Inconsciente colectivo; Sumisión; Transgresión; Imágenes arquetípicas.

INTRODUÇÃO

Luiza Amélia de Queiroz Nunes Brandão foi uma poetisa oitocentista que viveu em meados do século XIX na província do Piauí. Vale ressaltar que no século supracitado, foram poucas as mulheres que utilizaram o cenário restrito da sociedade piauiense e fizeram dele palco e público para a divulgação dos seus escritos. Isso fez com que mais tarde, pelo seu pioneirismo, Queiroz fosse conhecida como a princesa da poesia romântica no Piauí.

Diante disso, a poetisa escreveu duas obras: *"Flores Incultas* (2015) e *"Georgina e outros escritos inéditos" (2018)*, além de vários poemas publicados em jornais, revistas e almanaques. Além disso, a poesia de Queiroz é caracterizada por ser uma *poética do sentimento*, nela a autora introduz o seu posicionamento frente a sociedade do seu tempo. Temos então as marcas subjetivas da sua personalidade, bem como a imagem construída em torno da condição da mulher da sua época.

No tocante a isso, buscamos realizar uma (re)leitura psicanalítica à luz da teoria do inconsciente coletivo de Jung em dois poemas, *Conselhos* e *Lira dormente*, analisando-os mediante a perspectiva da mulher que ora se coloca como transgressora ora como submissa. Nessa perspectiva, colocamos o seguinte questionamento: de que

maneira podemos vislumbrar a reflexão do que é ser uma mulher que se coloca ora como transgressora ora como submissa analisada à luz da psicanálise de Carl Gustav Jung?

Sendo assim, objetivamos identificar a condição feminina à luz dos conceitos psicanalíticos, mediante uma (re)leitura da poesia de Luiza Amélia, em consonância com o posicionamento assumido pelo eu-lírico. Ademais, averiguamos os traços de personalidade, as imagens arquetípicas ao traçarmos um contraponto entre a teoria psicanalítica junguiana e a teoria freudiana, analisando de que forma a autora transpõe para o eu-lírico uma postura reivindicatória em relação aos rígidos pilares morais do modelo patriarcalista.

Como critério organizacional, este trabalho foi dividido em duas seções, na primeira parte traçamos um panorama da condição da mulher no século XIX, com enfoque no contexto educacional do Piauí, ao que concerne à educação feminina, pauta defendida pela autora no seu poetar. Além disso, na segunda seção, vamos traçar um contraponto entre os conceitos psicanalíticos abordados pela teoria junguiana e pela teoria freudiana, principalmente, no que diz respeito à construção de imagens arquetípicas, a fim de analisarmos a imagem a mulher que ora se coloca como transgressora ora, mediante a análise dos poemas selecionados, para isso focamos na vertente da psicanálise junguiana mediante a análise dos dois poemas selecionados.

O PIONEIRISMO DA PRINCESA DA POESIA ROMÂNTICA DO PIAUÍ

Luiza Amélia de Queiroz Nunes Brandão, escritora que ousou desafiar a sociedade patriarcalista da sua época ao ingressar na escrita literária, fazendo dos seus poemas uma ferramenta de denúncia da condição da mulher escritora no século XIX, além desse viés social a poesia de Queiroz carrega traços subjetivos da sua da

personalidade, visto que podemos fazer uma (re) leitura desses poemas à luz da psicanálise de Carl Gustav Jung, com base na análise das imagens arquetípicas.

Além disso, vale ressaltar que pelo fato da poetiza ter aberto um importante espaço para autoria feminina em uma época em que essa atuação era restrita e pouco praticada, ela recebeu o título de princesa da poesia romântica no Piauí, justamente por ser considerada a primeira mulher poetisa a adotar a escrita literária como ofício em meados do Piauí provincial. Por meio dessa atuação significativa escreveu seu nome na história, mesmo diante dos estreitos horizontes sociais, culturais e principalmente educacionais, uma vez que a educação superior era um privilégio dos filhos da aristocracia, isto é, os homens da elite Piauiense.

No tocante a isso também vamos trazer aspectos sobre o contexto educacional feminino do século XIX, predominantemente conservador e patriarcal, visto que por muito tempo reservou às mulheres apenas a educação das primeiras letras, isto é, o ensino primário, para que essas fossem treinadas apenas para serem excelentes mães, donas de casa e esposas.

A CONDIÇÃO DA MULHER: o contexto educacional piauiense do século XIX

O processo de escolarização na segunda metade do século XIX era incipiente no que tange à instrução feminina. Às mulheres, era privado o direito de ingressar no ensino superior, ao contrário dos privilégios concedidos aos homens, como a educação oferecida aos filhos da aristocracia agrária piauiense. No que tange ao papel da mulher na sociedade da época, o propósito, conforme as bases morais do sistema patriarcalista, era educá-las para serem boas mães, excelentes donas de casas e esposas obedientes que tivessem o mínimo de conhecimento para acompanhar os maridos a compromissos públicos. Por isso, a elas era ofertado apenas o ensino primário, considerando a pauta de uma educação doméstica.

Sobre esse ponto, discorre Rocha (2017, p. 173) que "as mulheres aprendiam noções de leitura e escrita, mas não eram esperados que elas desempenhassem atividades no mundo público". Além disso, existia uma desproporção do público feminino nas escolas, uma grande parte era analfabeta, principalmente as jovens senhoras com poucas condições econômicas e reclusas no interior piauiense. Conforme Barion *et al.* (2020, p. 5)

> A maior parte da população feminina no Brasil era analfabeta, as poucas mulheres que aprendiam a ler e escrever, assim faziam em suas próprias casas com suas preceptoras, professoras contratadas da Europa que ensinavam também os ofícios domésticos, como bordar, ser mãe é uma boa dona de casa.

As mulheres de família abastadas eram educadas em casa por preceptoras que além das primeiras letras também lhes ensinavam os ofícios domésticos, todavia a educação na casa paterna só era possível mediante a uma condição financeira privilegiada, na maior parte das vezes as jovens meninas eram encaminhadas para as escolas normais.

Essas professoras normalistas entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX foram de primordial importância para a educação primária de gerações, sejam elas meninas ou meninos, mas é importante destacar que foi através desse sistema de ensino que muitas mulheres tiveram a oportunidade de se profissionalizar para o magistério. Segundo a historiadora Teresinha Queiroz na obra *Educação no Piauí (1880-1930)* "as professoras primárias normalistas ou não, tiveram um papel social de reprodução de novos valores sociais que ainda está por ser dimensionado" (Queiroz, 2017, p. 73).

As mulheres instruídas, assim como Luiza Amélia de Queiroz, e que não precisavam trabalhar como professoras normalistas, tanto pela sua condição socioeconômica quanto pelo matrimônio, tinham a possibilidade de atuar no universo da escrita e da publicação literária, essas mulheres que se destacavam eram, segundo Tosi (1998, p. 378), "portadoras de um saber 'excessivo' considerado chocante e

CC BY

contraditório às boas maneiras", essas mulheres eram detentoras de um saber que incomodava e causava impacto ao modelo patriarcalista vigente na época.

Diante do exposto, Luiza Amélia teve como base a educação primária, assim como as mulheres abastadas da sua época, mas vale ressaltar que a poetisa oitocentista foi muito além, pois era autodidata e uma leitora assídua dos poetas românticos da época. Através de esforços próprios escreveu obras de sua autoria e publicou em várias revistas, jornais e almanaques da época.

Segundo o biógrafo, Clodoaldo Freitas, em "Vultos Piauienses: apontamentos bibliográficos (2012)" D. Amélia Queiroz, no seu poetar, "dedicou-se às letras, alimentando, como a casta vestal antiga, o sagrado fogo da poesia" (Freitas, 2012, p. 92).

Na concepção desse autor, Queiroz se destacou por ter se nutrido do "sagrado fogo da poesia" que fazia com que a sua alma cândida ficasse em êxtase. Ele argumenta sobre o talento e a perspicácia da escritora, mesmo que a sua educação não tenha passado das primeiras letras:

> Apesar das defeituosidades da sua educação, que não passou dos primeiros rudimentos primários, a vocação a impeliu para o estudo com que ela pôde, pelo esforço de uma vontade de que só as grandes inteligências são capazes, ilustrar-se, elevar-se a um alto grau de instrução, suficiente para dar tão brilhante irradiação a seu estro (Freitas, 2012, p. 92).

O biógrafo discorre que a poética de Luíza Amélia se elevou ao "alto degrau da instrução", motivação suficiente para dar-lhe visibilidade no mundo das letras, no entanto, a inserção nesse cenário ainda não era bem-vista pela crítica literária. A priori, a atuação feminina nessa esfera, não foi excepcionalmente aceita e apoiada, mas embora tímidas, foram essenciais para que os seus nomes fossem lembrados, marcando assim o seu revelar no mundo das letras.

A CONDIÇÃO FEMININA À LUZ DOS CONCEITOS PSICANALÍTICOS: a condição da mulher da submissão à transgressão

Nessa seção, buscamos traçar alguns pressupostos teóricos que relacionam a condição da mulher escritora, isto é, as reflexões poéticas escritas por Luiza Amélia de Queiroz à luz da teoria da psicanálise. Para isso, estabelecemos um contraponto entre a teoria freudiana e a teoria junguiana, visto que a primeira, ao estabelecer uma abordagem sobre a natureza da psique humana, traz uma abordagem teórica em relação ao inconsciente e a interpretação dos sonhos.

Nesse sentido, existem alguns pontos divergentes na perspectiva freudiana e a desenvolvida pela psicologia analítica de Carl Gustav Jung, visto que para Jung a noção de inconsciente é apresentada a partir de duas perspectivas: a primeira, de natureza pessoal consciente, que guarda memórias esquecidas e reprimidas; a segunda faz a sistematização teórica de que temos um "segundo sistema psíquico", ou seja, o que o psicanalista suíço chamou de "inconsciente coletivo", que consiste em formas arquetipais, intrinsecamente relacionadas a um sistema simbólico.

Tais divergências teóricas serão analisadas a partir das obras desses autores. Sendo assim, adentramos na teoria freudiana do inconsciente de natureza pessoal ao dar enfoque à teoria a partir das obras *A interpretação dos sonhos* (2012) e a *Psicanálise do sonho* (2022). Nesse sentido, vamos analisar também a psicanálise sob uma perspectiva junguiana, nas obras: *Os arquétipos do inconsciente coletivo* (2014) e *O homem e seus símbolos* (2002).

Um contraponto entre a teoria freudiana e a teoria junguiana

Muito embora as suas teorias se entrecruzam de forma que um autor é contemporâneo do outro no sentido de terem filiações teóricas semelhantes, suas teorias destoam, principalmente, quando adentram em abordagens sobre o conceito de inconsciente e de sonho. É notável que Sigmund Freud foi uma personalidade

CC BY

influente e marcante nos estudos psicanalistas modernos, sendo assim, Freud conceitua o inconsciente a partir dos desejos reprimidos ou recalcados subjacentes ao ato sexual, esses desejos tornam-se causa de conflitos e ansiedade para a psique humana.

A psicanálise freudiana, vertente voltada à natureza pessoal, teoriza que o psicanalista, por meio da sua análise, deve tornar os desejos reprimidos do ser humano conscientes, ou seja, explorando as nuances do inconsciente que impulsiona o sujeito a manifestá-lo. Nessa perspectiva, os sonhos são a via essencial para explorar esses conteúdos inconscientes. Sobre isso, na sua obra mais conhecida *A interpretação dos sonhos (2012)*, Freud destaca que, para interpretar um sonho, o paciente deve comunicar ao psicanalista os pensamentos inconscientes. Dessa maneira, "em geral, não estamos em condições de interpretar um sonho de outra pessoa, a menos que ela se disponha a nos comunicar os pensamentos inconscientes que estão por trás do conteúdo do sonho desejos inconscientes subjacentes aos sonhos" (Freud, 2012, p. 165).

No tocante ao exposto, o sonho é um processo psíquico relacionado às peculiaridades individuais dos sujeitos que possuem sintomas psíquicos. Nesse contexto, Freud (2022, p. 25) argumenta que o "sonho mascara o desejo". Nesse ponto, é interessante notar que a análise do sonho, na perspectiva freudiana, está aliada à manifestação de desejos que podem estar reprimidos ou mascarados. A partir disso, Freud destaca que os sonhos podem ser divididos em três classes:

> Os sonhos podem ser divididos em três classes, de acordo com a sua relação em termos de realização de um sonho. Primeiro, vêm os sonhos que exibem um desejo não reprimido, não mascarado. São os do tipo infantil, que, nos adultos, se tornam cada vez mais raros. Segundo, temos os sonhos que expressam, de forma velada, algum desejo reprimido. De longe, esses constituem o maior número de nossos sonhos e devem passar por análise para serem compreendidos. Por último, vêm os sonhos nos quais há repressão, mas sem supressão ou apenas com leve encobrimento. Esses sonhos são, invariavelmente, acompanhados de sensação e medo, que levam o sonho ao fim. Aqui, o sentimento de medo substitui o deslocamento do sonho. Entendo que o trabalho do sonho impediu que isso acontecesse nos sonhos de segundo tipo. Não é muito difícil provar que aquilo que ora se apresenta no sonho

CC BY

> como medo intenso foi, antes, um desejo, agora secundário em relação à repressão (Freud, 2022, p. 50).

Diante da classificação formulada por Freud e mediante às concepções de como os sonhos exibem desejos capazes de abrir territórios pouco explorados, mas que de certa forma deixam uma porta aberta para adentrar nas nuances do inconsciente, somos capazes de perceber o quanto os desejos impulsionam a matéria dos sonhos. Sendo assim, os sonhos, ou seja, aqueles que vêm acompanhados dos desejos suprimidos de segunda e terceira vertente, a partir da classificação de Freud, ao virem acompanhados de um conteúdo doloroso, vem ao consciente.

Por outro lado, a psicologia analítica teorizada por Carl Gustav Jung ao tratar sobre a natureza do inconsciente, defendia a existência de um "segundo sistema psíquico", correspondente ao conceito de inconsciente, que não se restringia às experiências individuais, mas surgiam em determinado momento, em diferentes épocas e lugares, como manifestações coletivas, fatores que Jung denominou de "inconsciente coletivo", relacionados à existência de arquétipos (Jung, 2014).

Nesse sentido, a ideia de inconsciente defendida por essa vertente vai muito além de uma natureza pessoal do paciente impulsionado por seus desejos reprimidos que poderiam ser interpretados pelos sonhos, como definiu Freud (1900). No tocante a isso, Jung (2014) foi colaborador e contemporâneo de Sigmund Freud, mas por divergências teóricas e a fim de fundar outra perspectiva da psicanálise, rompe com aquele que foi considerado o "pai da psicanálise", pelo seu pioneirismo.

Para Jung (2014), o inconsciente coletivo é uma parte fundamental da psique, mas que não é necessariamente pessoal, como preconizado por Freud. Nesta acepção, para o psicanalista suíço, o inconsciente coletivo nunca esteve na camada da consciência, por meio da aquisição intrínseca à pessoalidade dos pacientes mediante seus desejos recalcados manifestados pelos sonhos, uma vez que a sua existência por meio do inconsciente coletivo é "condicionada a representações herdadas, cujas

origens são desconhecidas e se repetem em qualquer época e em qualquer lugar do mundo" (Jung, 2002, p. 83), denominadas de arquétipos.

Para Jung (2014, p. 89) "o conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da ideia de inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo o tempo e em todo lugar" e de fato relaciona-se a conceitos primordiais. Esse conjunto de imagens primordiais são compartilhadas pela humanidade em todos os tempos, assim como já foi supracitado. Então, as imagens latentes provenientes das imagens arquetípicas têm um carácter de ancestralidade, pois são herdadas inconscientemente e compartilhadas por todas as culturas e sociedades.

Nesse aspecto, compartilhamos um conjunto de sentimentos, sensações e pulsões que são predisposições nas formas de agir e pensar, e tudo isso é transmitido pelo inconsciente de natureza coletiva que se configura como um segundo sistema psíquico mediante a tese preconizada por Jung (2014, p. 52):

> Minha tese é a seguinte: à diferença de natureza pessoal da psique consciente, existe um segundo sistema psíquico, de caráter coletivo, não pessoal, ao lado do nosso consciente, que por sua vez é de natureza inteiramente pessoal e que- mesmo quando lhe acrescentamos como apêndice o inconsciente pessoal-consideramos a única psique passível de experiência. O inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, mas é herdado. Ele consiste de formas preexistentes, arquétipos, que só secundariamente podem tornar-se conscientes, conferindo uma forma definida aos conteúdos da consciência.

Esse "segundo sistema psíquico" é de natureza simbólica e vinculado a imagens arcaicas. Ao dar sentido a essas dimensões, o processo de criação poética da escritora oitocentista em análise é um repositório de experiências vivenciadas, mas que vem carregadas de símbolos herdados da coletividade, que podem ser tanto de natureza pessoal quanto de natureza cultural, visto que a sua escrita é subjetiva e sentimental, mas o modelo social do seu tempo influenciou a maneira como o eu-lírico ora se coloca como transgressor ora submisso.

CC BY

Visto sob essa perspectiva, Jung (2002), em *O homem e seus símbolos*, preconiza duas funções simbólicas, isto é, a *simbólica natural* e a *simbólica cultural.* Enquanto o primeiro caso é derivado dos conteúdos inconscientes da psique, por isso, podemos enxergá-lo como a representação concreta de inúmeras imagens arquetípicas mais essenciais, o segundo expressa imagens projetadas por diferentes culturas em diferentes contextos sociais, pois cada sociedade é capaz de criar os seus próprios símbolos.

Vejamos, a seguir, como alguns poemas de Luíza Amélia podem traduzir por meio de simbolismos e arquétipos, provenientes de um inconsciente individual e coletivo, a imaginação poética da escritora piauiense no século XIX.

Conselhos

A poética sentimental de Luiza Amélia de Queiroz carrega inúmeros traços da sua personalidade, pois em seu diário poético, denominado *Flores Incultas (2015)*, temos um eu-lírico que manifesta desejos, emoções e ações, como forma de dar vazão às inquietudes da mulher que mesmo estando inserida em uma sociedade patriarcal, evidentemente adota uma postura transgressora ao assumir o ofício de escritora. Por esse motivo, a poeta foi vítima de inúmeras críticas.

Nesse sentido, o poema *Conselhos* datado de 1° de maio de 1871, é marcado por um profundo pessimismo, mas ao mesmo tempo uma reflexão de como as mulheres que tomam para si espaços de saberes são malvistas, pois a sua postura incomodava. Certamente, a mulher instruída e que tinha autonomia para expressar suas ideias não era um bom exemplo a ser seguido por outras "donzelas", por isso aconselhava a não seguir os seus passos, assim como podemos evidenciar nas primeiras estrofes do poema.

não me julgues feliz, ó donzela,
não me invejes querendo imitar;
d´esta vida que julgas tão bela,
Deus te livre das dores provar.

de que serve a mulher n´esta terra
ter a mente sublime ideal?
p´ra sofrer de mil néscios a guerra
crua guerra, tremenda fatal?
(Queiroz, 2015, p. 141)

As mulheres do tempo de Luiza Amélia eram criadas e educadas para o matrimônio, para serem mães e donas de casa. Nessa ótica, não tinham autonomia de escolha, pois eram tuteladas pelos homens, ou seja, somente saiam da casa dos pais para receber a proteção do seu cônjuge de quem se tornavam dependentes. Essa relação colocava a mulher em uma postura de fragilidade e obediência, uma vez que eram impedidas de terem uma educação que permitisse alicerçar suas decisões com base nas suas próprias escolhas.

No tocante a isso, Queiroz ao aconselhar outras mulheres a não seguirem o seu caminho, toma uma posição de contestação, já que a mulher que tem a "mente sublime ideal", ou seja, aquela capaz de pensar a sua própria condição, desagrada aos homens que ocupam as instituições fortemente patriarcais e os espaços sociais.

Sendo assim, a altivez da mulher escritora de mente sublime capaz de romper com essa clausura, provoca sofrimento e o enfrentamento da "crua guerra, tremenda fatal". Metaforicamente, essa guerra é provocada pelo fato de desagradar aos homens que mantêm uma relação de poder sobre as "donzelas", muito além disso, pois desobedecem aos homens que ocupam as instituições sociais na igreja, na política, na literatura, entre outros espaços.

Diante disso, temos um discurso poético de uma mulher mais velha e casada dirigida a "donzelas", ou seja, moças jovens que segundo o pensamento da poetisa, não devem seguir seus passos. No entanto, ao mesmo tempo que se encontra

submissa pelos costumes patriarcais que orientam as instituições e o modo de viver que a mulher deveria seguir, também assume a postura de mulher transgressora, antecipando uma conduta feminista, assim como argumenta Ciarlini (2015, p. 261):

> Os versos da piauiense pareciam de alguma maneira antecipar o idealismo e as denúncias feministas que vieram alguns anos depois: mulheres não aceitariam mais uma postura curvada aos desejos e quereres do marido. Ao contrário, desvelariam os mesmos bosques sociais e competiriam pelos espaços de igual para igual.

O lirismo de Luiza Amélia não é necessariamente uma manifestação feminista, mas certamente e o velear de uma conduta denunciativa feminina dirigida para o feminino, não só as donzelas do seu tempo, mas os seus leitores. Nessa perspectiva, o mal-estar sentido pela autora revela sentimento de revolta pela sua condição, essa conduta vista à luz da psicanálise pode revelar imagens arquetípicas, ao adotarmos a abordagem junguiana (2014) que estabelece o conceito de inconsciente coletivo, isto é, conteúdos inerentes à psique comuns a todos os indivíduos, herdados pelo nosso inconsciente.

Essas imagens arquetípicas da mulher submissa *versus* transgressora são fenômenos do inconsciente coletivo que se manifestam na escrita da autora, haja vista que para Jung (2014, p. 149) "arquétipo nada mais é do que uma expressão já existente na antiguidade", em outras palavras, a poética do sentimento de Queiroz é uma expressão individual das suas agruras, reflexões e descontentamentos com o modelo social da sua época, mas ao mesmo tempo tem uma validade coletiva, pelo fato de que essas imagens já existiam a partir das pré-disposições psíquicas inconscientes.

Nessa perspectiva, para Jung (2014, p. 86) "uma vez que tudo o que é psíquico é pré-formado, cada uma de suas funções também o é, especialmente as que derivam diretamente das disposições inconscientes. A essas pertencem a *'fantasia criativa'*". Nessa acepção, o produto dessa fantasia criativa são as imagens primordiais que permeiam todos os tempos e todas as culturas e sua presença pode ser notada na literatura, assim como podemos perceber a construção da imagem da mulher criada

pelo eu-lírico queirosiano. Nos versos a seguir vamos perceber uma elucidação da postura da mulher escritora que "transluz", mas que ao sair do "ócio ditoso" e tomar posse da palavra poética, é fortemente criticada pela desobediência.

Oh! aqui não se acata a virtude
Se-o génio-na fronte transluz!
Tem incensos aqui quem é rude,
Quem não vaga no mundo da luz!

Oh! por Deus, não empunhes a lira,
Não te cegue o seu brilho vivaz
Essas flores que a alma respira
Têm espinhos, venenos letais!

Oh! não saias do ócio ditoso,
Em que vivem contente a sorrir;
Não alteres teu doce repouso,
não perturbes teu belo porvir.
(Queiroz, 2015, p. 141)

Nesses versos, podemos perceber que a mulher que "empunha a lira", ou seja, assume a postura de escritora de fato "não acata a virtude", pois ao registrar essa concepção em forma de "conselho", Luiza Amélia dispõe que a mulher que era iluminada pelo gênio do conhecimento, aquele que "na fronte transluz!", é menos valorizada que a mulher que não sai do seu "ócio ditoso".

Como se percebe, aos sistematizar essa reflexão em forma de poesia, a autora preconiza duas posições que podem ser assumidas pela mulher, a virtuosa que jamais sairá do seu ócio, ou seja, aquela que aceita sua condição de submissão, mas também temos a mulher que "transluz", aquela que ao se iluminar com o conhecimento não aceita se curvar às diretrizes patriarcais que moldam a postura da mulher deve seguir. Sendo assim, a escritora oitocentista conclui esse poema

manifestando angústia pelas dores e os reveses que têm que suportar por "ter a lira na mão", assim como podemos perceber a seguir.

Tenho lira, que arpejo por vezes,
É presente me vindo do céu
Mas, ´por tê-la, suporto revezes!...
Não os queiras provar como eu.

Será isso, donzela inocente,
Que te inflama! delírio cruel!
Não me ouças a lira demente,
Nos meus carmes não há senão fel!

Não me creias da sorte mimosa,
Não me invejes querendo imitar;
D`esta vida que julgas ditosa
Deus te livre das dores provar.
(1° de maio de 1871)

A outras donzelas não recomenda o ofício de escritora e muito menos que ouçam a sua lira, pois correm o risco de provar o julgamento e a desaprovação, mas ao mesmo tempo que o eu poético não aconselha "imitar" sua postura, deixa um alerta para o público feminino sobre a necessidade de se posicionar, deixando com isso, a marca da mulher transgressora que, mesmo estando em uma condição de submissão, conquistou o seu espaço de autoria fazendo com que sua voz fosse ouvida.

Lira dormente

O poema *Lira dormente*, datado de 9 de fevereiro de 1873, traz um canto poético que materializa, em palavras, os sentimentos em êxtase da poetisa. Esse instrumento na poesia de Luiza Amélia deixa de ser somente um objeto corpóreo que

CC BY

um poeta ou um músico modula um canto, passando a ser o instrumento incorpóreo de cadência poética, aquele que intensifica as suas emanações sentimentais.

Nessa concepção, a lira, instrumento que foi bastante usado na antiguidade clássica para o acompanhamento musical de poesias e canções aparece na poesia de Luiza Amélia também como uma imagem arquetípica, que carrega a simbologia da mulher que ao modular sua poesia na lira amplia os seus horizontes ao demonstrar a postura de uma mulher transgressora, assim como podemos perceber nos versos a seguir.

Deixa a lira que esquecida dorme
No meu langue torpor!
Não a despertais…bendito o sono
Que nos acalma a dor!
Bendito o sono que ao esp´rito enfermo
Traz calma, alívio traz
Refrigério aos membros fatigados,
E a alma volve a paz!

Viera tarde a dormência,
Inda assim à providência
Agradeço sem cessar;
Que se ela não me fosse,
N´esse lidar agro-doce
Talvez me fosse findar!

É tão bela a poesia,
Tem tal poder, tal magia,
Que me fascina e seduz!
Mas eu não posso fitá-la,
Sou mulher devo evitá-la,
Os olhos voltar a luz!
(Queiroz, 2015, p. 178)

Ao mesmo tempo que a poetisa revela o sono da lira que descansa fatigada, também revela na terceira estrofe que sem ela "Talvez me fosse findar!".

Metaforicamente, temos um estado de letargia entre o sono e o despertar da poesia, movimento esse que atenua a forma como a autora lidava com o ato da escrita. Nesse enfoque, Paz (1982) dialoga sobre a palavra poética como dimensão íntima que faz transparecer a sua condição, mas sem necessariamente se apartar do mundo, "o poema faz transparecer nossa condição por que em seu seio a palavra se torna algo exclusivo do poeta, sem por isso deixar de ser do mundo, isto é, sem deixar de ser palavra" (Paz, 1982, 217).

Nesse ínterim, o poema transparece a condição subjetiva da escritora, mas ao mesmo tempo com um viés social, visto que a palavra poética é reveladora da sua condição de mulher instruída e escritora em uma sociedade em que essa atuação era malvista, consoante a isso a percepção de Rocha (2015, p. 253) corrobora com essa noção quando afirma que "Luiza Amélia de Queiroz analisava em seus poemas a sociedade da época e abordava temas sentimentais".

Diante do exposto, na terceira estrofe, podemos perceber o seu posicionamento em relação às condições sociais que a cercavam. Nesse sentido, a poetisa dispõe poeticamente sobre a beleza da poesia e o poder dessa escrita poética que é capaz de fascinar e seduzir, porém, não pode fitá-la, pelo fato de ser mulher em uma sociedade que oprime a atuação feminina, por isso, o eu-lírico materializa o sentimento de descontentamento ao demonstrar um profundo incômodo mediante a condição de submissão na qual as mulheres da sua época eram submetidas. Diante disso, nas últimas estrofes, a autora revela o despertar do sono da lira, como condição para o seu sexo alcançar autonomia, assim como podemos perceber a seguir:

Oh! eu bem sei o que devo
Ao sexo meu! nem me atrevo
As leis do mundo alterar!
Se na lira me excedia,
Quem amar a poesia
Há de o erro atenuar!

Porém agora que o fervor insano,
Que a mente me prendeu,
Jaz em langue postura reclinado
Nos braços de Morfeu!

Não quero e nem devo despertá-lo
Do sono tão feliz!
Reparo as forças! Da minha alma a lira
O sono seu, bendiz!
(Queiroz, 2015, p. 179)

A poetisa, por meio desses versos expressa que o seu sexo deve seguir deveres morais, o que foi denominado de "leis do mundo", no tocante a isso as sociedades que se tornaram cada vez mais patriarcais controlavam e tentavam inibir a atuação feminina, pelo fato de que isso representaria uma ameaça a essa ordem social vigente. No entanto, Luiza Amélia foi muito além ao evidenciar poeticamente na sua "lira se excedia", ou seja, esse instrumento de cadência poética despertava "o sono da lira".

Metaforicamente, esse é o ato de sair de uma postura reclinada, e se recusar a obedecer aos padrões morais, já que assim como argumenta Ismério (2019, p. 24) "a mulher tinha que ser submissa, pois existia todo um condicionamento moral e simbólico que determinava suas ações". Porém, ao mesmo tempo que o eu-poético marca um movimento de saída dessa clausura ao despertar o sono da lira, também conclui o poema atenuando que não deve despertá-lo, marcando assim a postura da mulher que materializa em sua poesia o desejo de ser transgressora, mas pelas condições morais patriarcais se mantém submissa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CC BY

É evidente que pelo seu pioneirismo no mundo das letras, Luiza Amélia de Queiroz foi uma mulher do século XIX que representou um marco na escrita de autoria feminina registrada nos compêndios da historiografia literária Brasileira. O eu-lírico queirosiano manifesta uma voz que busca autonomia de pensamento e o desejo de protagonizar a própria vida, mesmo diante de omissões e restrições ao fazer literário feminino.

Para tanto, ao realizarmos uma (re)leitura psicanalítica em dois poemas da oitocentista, analisamos os traços da sua personalidade mediante a perspectiva da mulher que ora se coloca como transgressora ora como submissa. Nessa premissa, evidenciamos que a relação de dominação está bastante presente na poesia de Luiza Amélia, haja vista que ora a autora se coloca como transgressora dos costumes tradicionais do patriarcado ao reivindicar educação feminina e um espaço de autoria que contemplasse o seu gênero, ora se coloca como a mulher submissa e reclusa ao espaço do lar. Diante disso, é indubitável considerar que muito embora a poetisa tenha sido uma mulher muito à frente do seu tempo, ainda sim estava inserida em uma sociedade que não a permitia sair do seu lugar de esposa e dona de casa.

Nesse sentido, pudemos adentrar na análise dos poemas escritos por Luiza Amélia, com o propósito de descortinar as ressonâncias sentimentais inconscientes, os símbolos que perpetuam a sua escrita intrínsecas à condição da mulher da sua época, bem como a postura assumida pelo eu-lírico que ora se coloca como sujeito submisso aos costumes reservados à mulher dentro de um regime patriarcal ora como transgressor, pela manifestação do incômodo com o sistema e com a falta de liberdade da mulher assumir o ofício de escritora, além de uma educação superior que era restrita ao gênero feminino.

Portanto, analisamos a condição feminina mediante a imagem arquetípica criada por Luiza Amélia à luz dos conceitos psicanalíticos, mediante uma releitura da poesia de dois poemas selecionados da sua obra *Flores Incultas* (2015), em consonância

com o posicionamento assumido pelo eu-lírico. Nessa perspectiva, averiguamos a forma como a autora transpõe para o eu-lírico uma postura reivindicatória em relação à herança patriarcal, em relação à postura que o eu-lírico assume na poesia, ora como submisso ora transgressor.

REFERÊNCIAS

BARION, Isabel Francisco *et al*. **A educação das mulheres no século XIX**: A contribuição de Nísia Floresta. EDUCERE: XI Congresso Nacional de Educação, UEM, 2020.

CIARLINI, Daniel Castello Branco. **Uma leitura em prelúdio das Flores de Amélia**. In: QUEIROZ, Luíza Amélia de. *Flores incultas*. Teresina: Academia Piauiense de Letras; EDUFPI, 2015. p. 261-271. (Coleção Centenário, 25)

CORREIA, Janaina Cavalcante. LUIZA AMÉLIA DE QUEIROZ O FEMINISMO EM POESIAS NO PIAUÍ NO SÉCULO XIX. **Revista de Literatura, História e Memória**, 2018 v. 14, n. 23, p. 153-174.

FREITAS, Clodoado. D. Luísa Amélia de Queiroz Brandão. In: FREITAS, Clodoaldo. **Vultos piauienses: apontamentos biográfios**. Teresina: Academia Piauiense de Letras; EDUFPI, 2012. p. 91-100. (Coleção Centenário, 4)

FREUD, Sigmund. **A psicologia do sonho**: Psicanálise para iniciantes. Tradução de Maria Silvia Mourão Netto. Jandira, São Paulo: Principis, 2022.

FREUD, Sigmund.A Interpretação dos Sonhos. Editora Companhia das Letras, 2012.

ISMÉRIO, Clarisse. Mulher: a moral e o imaginário (1889 – 1930). 2.ed.amp. - Bagé: Ediurcamp, 2019. 100p.

JUNG, Carl Gustav**. O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2002.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução de Olga Savary. 2º ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1982.

QUEIROZ, Luiza Amélia. **Flores Incultas**. Teresina Queiroz (Org). Academia Piauiense de Letras: ADUFPI, 2015 (Coleção centenário).

QUEIROZ, Teresinha. **A poética dos sentimentos em Luíza Amélia de Queiroz**. In: QUEIROZ, Luíza Amélia de. *Flores incultas*. Teresina: Academia Piauiense de Letras; EDUFPI, 2015. p. 273-293 a. (Coleção Centenário, 25).

QUEIROZ, Teresinha. **Educação no Piauí**: 1880-1930. 2 ed. Teresina: Academia piauiense de Letras, 2017b.

ROCHA, Olívia Candeia Lima. **Lugares, saber e poder: apropriação feminina sobre as práticas discursivas entre 1875-1950. 2007. 89 f**. 2007. Dissertação (Mestrado em História do Brasil)-Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.

ROCHA, Olívia Candeia Lima. **Luíza Amélia de Queiroz:** uma pioneira das letras e do feminismo no Piauí. In: QUEIROZ, Luíza Amélia de. *Flores incultas*. Teresina: Academia Piauiense de Letras; EDUFPI, 2015. p. 251-260. (Coleção Centenário, 25).

TOSI, Lucia. **Mulher e Ciência**: A revolução Científica, a caça às bruxas e a ciência moderna. Cadernos pagu (10) 1998: p. 369-397.